

Anarquistas e sindicalismo

Anarquistas e sindicalismo em *Black Flame*

Inicialmente, o movimento anarquista do final do século XIX na França não era particularmente orientado para a ação no movimento operário. Como escreveu Jean Grave em 1899: “A emancipação humana não pode ser obra de nenhuma legislação, de nenhuma concessão de liberdade por parte daqueles que governam; só pode ser obra de um fato consumado, de uma vontade individual que se afirma através de ações.”¹ O primeiro número de *Les Temps Nouveaux* (4 a 10 de maio de 1895) dizia quase a mesma coisa:

“A emancipação humana não pode ser obra de nenhuma legislação. Deve ser o resultado da vontade individual. Bastará que eles [os indivíduos] queiram ser livres e certamente encontrarão os meios para alcançá-lo.”

Este discurso – que é exatamente o oposto do de Proudhon e Bakunin, ressalte-se – é muito significativo do movimento anarquista da época, dominado pelo individualismo, antes que uma parte dos militantes se envolvesse no movimento sindical. Não há nada aqui que apoie a ideia de que o sindicalismo revolucionário seria uma “estratégia” do anarquismo. Tem-se a impressão de que a Internacional após o Congresso de Saint-Imier nunca existiu.

No entanto, essa observação não deve diminuir o fato essencial de que os anarquistas estavam entre os principais fundadores do sindicalismo revolucionário: eles não foram absolutamente testemunhas passivas que “saltaram para o vazio”, como Toledo parece pensar, quando diz que muitos anarquistas “mergulharam nas ideias e na prática do sindicalismo revolucionário e viram no sindicato seu principal e mais eficiente espaço de trabalho”²; ou quando ela escreve que “muitos anarquistas também queriam participar do movimento sindical inspirados pelo sindicalismo revolucionário.”³

Ao ler Toledo, temos a impressão de que os anarquistas só aderiram ao sindicalismo revolucionário depois que este já estava estabelecido.

¹ Jean Grave, *Anarquia Seu objetivo – Seus meios*. 1899.

² Edilene Toledo, *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo, Perseu Abramo, 2004 p. 47.

³ E. Toledo p. 49.

Novamente, esta é apenas uma verdade muito parcial. Tem-se a irritante impressão de que muitos autores são incapazes de considerar o princípio da pluralidade de determinações na formação de um fenômeno social. Uma leitura atenta de Bakunin poderia tê-los curado desse defeito, em particular sua carta à *La Liberté* de Bruxelas de 5 de novembro de 1872, na qual ele contesta a tese *atribuída* a Marx segundo a qual “O estado político de cada país (seria) sempre o produto e a expressão fiel de sua situação econômica”. Bakunin afirma que há “outros elementos da história, como a reação, embora óbvia, de instituições políticas, legais e religiosas à situação econômica”...

Os vínculos entre os anarquistas e o sindicalismo são diversos e, embora alguns possam ter decidido participar do movimento sindical “inspirados pelo sindicalismo revolucionário”, não se deve esquecer que, muito *antes* da formação da CGT, anarquistas já estavam trabalhando nas Bolsas de Trabalho, para as quais contribuíram amplamente ao dar sua fisionomia revolucionária. As Bolsas de Trabalho foram, sem dúvida, os precursores do sindicalismo revolucionário, imprimindo nele seus principais temas: ação direta, antiparlamentarismo, antiestatismo, antimilitarismo, que não fazem parte do inventário de temas socialistas. Foi quando esses temas foram removidos da doutrina da CGT no Congresso de Amiens, em 1906, que o sindicalismo revolucionário entrou em declínio.

Para Schmidt e van der Walt, o sindicalismo revolucionário parece ser apenas uma forma de agir dos anarquistas que “preconizam” o sindicalismo:

“...a grande maioria das pessoas descritas na literatura como ‘comunistas anarquistas’ ou ‘anarcocomunistas’ defendiam o sindicalismo, incluindo Kropotkin, Alexander Berkman (1870-1936), Flores Magon e Shifu. Por outro lado, a maioria dos sindicalistas revolucionários subscreveu o ‘comunismo anarquista’ no sentido de uma sociedade sem Estado baseada no princípio da distribuição de acordo com a necessidade.”⁴

Em sua preocupação em mostrar que anarquismo e sindicalismo revolucionário (e ainda mais anarcossindicalismo, conseqüentemente) são a mesma coisa, Schmidt e van der Walt citam quatro pessoas cujas posições supostamente ilustram suas teses.

Vamos analisar mais de perto.

⁴ *Black Flame*, p. 19.

Berkman

Alexandre Berkman assumiu a causa das lutas sindicais e operárias: começando com a tentativa de assassinato de um patrão responsável pela morte de onze trabalhadores, que lhe rendeu muitos anos de prisão. Após sua saída da prisão, ele apoiou greves; Ele liderou o movimento dos desempregados em Nova York. Ele ajudou a organizar a onda de indignação que varreu o país na época da greve dos mineiros em Ludlow, Colorado, onde homens, mulheres e crianças foram baleados e queimados vivos pelos assassinos dos patrões. Incansável, ele estava em todos os lugares na linha de frente para defender os trabalhadores em greve ou sofrendo repressão, organizando campanhas de apoio às vítimas dos patrões e do Estado, reunindo-se com organizações de trabalhadores e lideranças operárias. Sua reputação de apoio inabalável aos trabalhadores era tamanha que, quando agentes do estado da Califórnia foram a Nova York para extraditá-lo, um milhão de trabalhadores se levantaram para impedir. E na própria Rússia, trabalhadores revolucionários de Petrogrado e marinheiros de Kronstadt organizaram manifestações ameaçando a vida do embaixador americano na Rússia.

Alexander Berkman foi um ativista, um agitador incomparável, um defensor inabalável da classe trabalhadora. Ele escreveu um livro chamado *O que é anarquismo?* que é uma excelente introdução ao anarquismo, e cujo notável capítulo 11 sobre sindicalismo mostra que o autor viu a classe trabalhadora de dentro.

Em 1915, Alexander Berkman dedicou-se à campanha em favor de Caplan e Schmidt, acusados de participar da famosa propaganda dos irmãos MacNamara. Ele viaja por grande parte dos Estados Unidos defendendo sua causa, organiza comitês de defesa, arrecada fundos e, em todos os lugares, é o corpo e a alma do trabalho. Ao chegar a São Francisco, Alexander Berkman decidiu publicar um jornal operário revolucionário, *The Blast*, que durou dezoito meses, espalhando as ideias do sindicalismo anarquista e revolucionário nas organizações operárias.

O histórico de Berkman como revolucionário é excepcional. Portanto, não se pode negar que Berkman “defendeu” o sindicalismo. Mas não é possível chamá-lo de “sindicalista”.

Ricardo Flores Magon

Flores Magon era um intelectual de formação universitária, mas próximo do movimento sindical e operário e da realidade indígena e camponesa.

Suas referências políticas são múltiplas, vão em graus e períodos

variados, do anarquismo individualista ao comunismo, ao sindicalismo, ao liberalismo, ao socialismo reformista, ao livre pensamento e à tradição indígena... Essa diversidade há muito tempo faz surgir dúvidas sobre se Flores Magón era anarquista, outros se perguntam se e quando ele se converteu ao anarquismo. Para D. Abad de Santillán, as coisas são simples:

“Para nós, o anarquismo de Ricardo foi uma criação espontânea, que respondia aos problemas concretos do México e à sua condição política, social e econômica, acompanhada de uma ausência total de aspirações de comandar e governar. Ricardo era anarquista sem saber, muito antes de se tornar um consciente e abertamente.”⁵

Que Flores Magon foi capaz de “defender” o sindicalismo não é discutível, mas o contexto particular, um tanto “insurrecional” em que ele viveu, pode explicar o fato de que o sindicalismo revolucionário não era sua principal preocupação.

Liu Shifu conhecido como Shi Fu

Liu Shifu (1884-1915) foi um dos primeiros revolucionários chineses a instar fortemente os camponeses e trabalhadores a se organizarem. Ele queria desenvolver laços entre intelectuais e trabalhadores e agiu para desenvolver a direitos dos explorados (camponeses, trabalhadores, mulheres, etc.).

Ele nasceu em Xiangshan (província de Guangzhou). Em 1904, ele estudou no Japão e se tornou membro da *Tongmenghui* (Liga dos Jurados) de Sun Yatsen. Mais tarde, ele foi inspirado pelos niilistas russos e pelo terrorismo. Após tentar assassinar o governador de Guangdong, passou um tempo na prisão (1907-1909), onde se voltou para o anarquismo, que na China se estruturava em torno de dois eixos: os exilados em Paris e os exilados em Tóquio. Ele abandonou o terrorismo na época da fundação da República em 1911.

Em 1912, ele foi o principal fundador da “Sociedade do Galo que Canta à Noite” (*Huiming xueshe*), que republicou os artigos do grupo anarquista chinês de Paris, *Xin Shiji* (Nova Era).

Em 1913, ele lançou o jornal *Huiming lu*, que mais tarde recebeu o nome de *Minsheng* (*A Voz do Povo*), onde foram publicados textos de Proudhon, Bakunin, Kropotkin e Malatesta. O grupo estabeleceu contatos com anarquistas japoneses (Ôsugi Sakae) e americanos (Emma Goldman). Shi Fu também se torna esperantista. Ele estuda Tolstói (relativamente

⁵ Nicolás T. Bernal, *Memorias*, México DF, Cehsmo, 1982, p.146. – Citado por *A Contretemps*, Boletim de crítica bibliográfica, n°22, janeiro de 2006)

influyente na China e no Japão).

Em 1914, Shifu mudou-se para Macau, onde fundou a “Sociedade dos Camaradas Anarquistas-Comunistas” (*Wuzhengfu gongchan zhuyi tongzhi-he*), muito inspirado por Kropotkin e pelo problema do comunismo versus coletivismo. Em 1915 ele se mudou para Xangai. Na edição 1 do jornal *Minsheng* (agosto de 1913), ele declarou: “Nossos princípios são comunismo, antimilitarismo e sindicalismo”. O n.º 19 de 18 de julho de 1914 intitula-se “Objetivos e métodos dos anarcocomunistas”.

Quando uma greve eclodiu em agosto de 1914 entre os estucadores de Xangai, Shi Fu e seus amigos publicaram um panfleto para apoiar a greve e defender sua organização em um sindicato⁶: *Anarquismo e o Movimento de 4 de Maio* (Japão *Libero Internacional*, p. 13). Esta fonte extremamente confiável nos permite afirmar que Shi Fu apoiou o sindicalismo revolucionário.

Em 27 de março de 1915, Shi Fu morreu de tuberculose.

O sindicalismo naquela época era embrionário na China. A questão do sindicalismo revolucionário desenvolveu-se a partir da década de 1920, com a polêmica entre o anarquista Ou Shengbai, antigo membro de *A Voz do Povo* (1893-1973), que era a favor dele, e o marxista Chen Duxiu (1879-1942), futuro fundador do PCC, que se opunha a ele.

Schmidt e van der Walt estão determinados a “provar” que os anarcocomunistas “defendiam o sindicalismo”, em suas próprias palavras; que o anarcocomunismo não se opunha ao sindicalismo. As quatro figuras que eles exemplificam podem ter “defendido” o sindicalismo, mas nenhuma delas estava realmente envolvida no movimento sindical, exceto até certo ponto Berkman, que era uma espécie de “revolucionário profissional” do sindicalismo no sentido de que trabalhou para envolver os trabalhadores na luta sindical, sem que ele próprio pudesse realmente ser chamado de “sindicalista”.

Flores Magon obviamente não era contra o sindicalismo, pois entrou em contato com membros do IWW em um contexto de repressão, mas também não pode ser considerado um “sindicalista”.

Shifu fez referência específica ao sindicalismo revolucionário, mas o sindicalismo não era sua principal preocupação.

Tenho a sensação de que se Schmidt e van der Walt mencionam Kropotkin, Berkman, Flores Magon e Shifu como exemplos de anarquistas que “defendiam” o sindicalismo, ou seja, um russo morando na Inglaterra, um norte-americano, um sul-americano e um Oriental, é – conscientemente ou não – para apoiar sua tese de que o sindicalismo revolucionário não surgiu na França. Esta é uma manifestação com valor simbólico: porque se estes quatro anarquistas permaneceram em graus variados na memória

⁶ Fonte: Nohara Shiro (1975).

colectiva do movimento, certamente não é como os sindicalistas.

Malatesta

Quando o movimento sindicalista revolucionário surgiu, Malatesta ficou inicialmente entusiasmado. No entanto, a sua opinião deteriorou-se definitivamente a partir de 1906. A campanha da CGT pela jornada de oito horas entusiasmou-o e ele veio a Paris para participar na manifestação do 1.º Maio. Entretanto, “se o fracasso da grande campanha organizada pela CGT pela semana de oito horas em abril-maio de 1906 decepcionou Malatesta quanto às possibilidades revolucionárias do sindicalismo, isso não minou o potencial de luta do proletariado francês”, escreve Maurizio Antonioli.⁷

A reação de Malatesta é surpreendente, vinda de um militante revolucionário experiente: ele realmente achava que uma reivindicação tão fundamental como a redução da jornada de trabalho para oito horas seria atendida *na primeira tentativa* ? Isso foi extremamente ingênuo, e a decepção de Malatesta foi provavelmente proporcional à sua ignorância sobre as realidades da ação sindical e do movimento dos trabalhadores, que envolve uma atividade diária, obstinada e de longo prazo, e que exige nunca desistir.

Malatesta regressou, portanto, a Itália com a ideia de que a manifestação do 1.º Maio foi um fracasso e esse fracasso exigiu um questionamento fundamental do sindicalismo revolucionário. Mas este dia de greve não foi um fracasso, desde que o olhemos com os olhos de um sindicalista em vez de considerá-lo do ponto de vista do ativista que pensa todos os dias que a revolução será para amanhã. Os ganhos obtidos com essa greve provavelmente foram considerados insignificantes demais por alguns anarquistas para valer a pena mencionar. Na verdade, a greve geral do 1º Maio para a jornada de oito horas foi anunciada há muito tempo – desde o congresso da CGT realizado em Bourges em 1904; Ela foi precedida por manobras preparatórias e semeou pânico entre a burguesia, que começou a acumular alimentos em antecipação a uma luta de classes em larga escala. Sabe-se há mais de dez anos que, para o movimento sindicalista revolucionário, organizar uma greve geral era praticamente equivalente a organizar uma revolução.

Na verdade, os preparativos para a greve geral provavelmente tiveram mais efeito do que a greve em si.

O 1º Maio de 1906 foi marcado por confrontos extremamente violentos com as forças policiais. Paris foi sitiada ao amanhecer: soldados e policiais armados estavam posicionados em cada encruzilhada. Muitos policiais

⁷ Maurizio Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, Éditions Noir et Rouge, p. 13.

montados estavam posicionados ao redor da Bolsa de Trabalho, na Place de la République. Um quartel próximo foi convertido em um local de detenção temporária. Os sindicatos convocaram seus filiados para vários pontos da capital. Uma reunião havia sido planejada na Bourse du Travail, mas havia muita gente: foi substituída por uma manifestação de rua que a polícia tentou dispersar. Houve acusações brutais e prisões de centenas de manifestantes, incluindo muitos ativistas anarquistas. À noite, haverá duas mortes. As ruas de Paris só retornaram à sua aparência habitual por volta das 23h. Mas a violência continuou por mais alguns dias. Um grande número de funcionários foi demitido por “ausência ao trabalho”.

Mas mesmo que as 8 horas não tivessem sido obtidas, os patrões foram encorajados a iniciar negociações para ceder: em muitas empresas onde as pessoas trabalhavam de 12 a 14 horas por dia, foram obtidas reduções significativas de horas, muitas vezes acompanhadas de aumentos salariais. As 8 horas não foram atingidas, mas um processo geral de redução da jornada de trabalho já havia sido iniciado. Sabemos agora que, no domínio da luta reivindicativa, um processo que se iniciou gradualmente leva à sua generalização: na medida em que, por exemplo, os trabalhadores são mais tentados a serem contratados em empresas onde trabalham menos e ganham mais, os empregadores são levados a uniformizar as suas condições de trabalho. Mas é óbvio que os anarquistas intransigentes que apenas previam ações que “levassem diretamente à revolução” eram pouco sensíveis a tais considerações táticas.

A greve geral de 1906 foi logo seguida pelo Congresso Anarquista Internacional em Amsterdã, onde as posições anarquistas e sindicalistas revolucionárias entraram em conflito, personificadas respectivamente por Malatesta e Monatte.

Há pelo menos dois textos onde Malatesta expõe seu ponto de vista:

- Sua intervenção inclusive durante o congresso;
- “anarquismo e Sindicalismo”, *Les Temps Nouveaux*, 28 de dezembro de 1907⁸.

O revolucionário italiano não deixou de publicar em inúmeras publicações anarquistas as posições que havia defendido em Amsterdã. Entretanto, o ponto saliente do debate não me parece ser o fato de que para Malatesta o sindicato seja apenas um “meio”, mas o fato de ele contestar “a crença [...] errônea, embora geralmente aceita, de que os interesses dos trabalhadores estão unidos e que, conseqüentemente, basta que os trabalhadores comecem a defender seus interesses e a buscar a melhoria de suas condições, para que sejam naturalmente levados a defender os

⁸ Veja: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 510>

interesses de todo o proletariado contra os patrões”.⁹

No Congresso de Amsterdã, em 1907, Malatesta negou o vínculo criado entre os trabalhadores pela solidariedade de classe; Segundo ele, o anarquismo não é produto da luta de classes porque não visa a emancipação do proletariado, mas a da humanidade: de fato, diz ele, “a revolução anarquista que queremos vai muito além dos interesses de uma classe: ela propõe a libertação completa da humanidade atualmente escravizada, do triplo ponto de vista econômico, político e moral.” Ele afirmou que o único vínculo que poderia unir os trabalhadores era a solidariedade moral: “a solidariedade, na sociedade atual, só pode ser o resultado da comunhão dentro de um mesmo ideal”, declarou.

Eu ficaria tentado a dizer que Malatesta está olhando para o movimento dos trabalhadores pelo lado errado do telescópio. Seu ponto é contrariado pela simples observação de que quando os trabalhadores entram em greve (raramente a maioria) e obtêm um ganho, o movimento sindical nunca questionou o fato de que os ganhos obtidos beneficiam a todos, *incluindo os não grevistas*. A solidariedade de classe do proletariado é um dos principais fundamentos do sindicalismo revolucionário e, deve ser lembrado, um ponto *essencial* da teoria de Bakunin.

Kropotkin e o sindicalismo

Ao contrário de Bakunin, Kropotkin não era um organizador do movimento operário, nem um estrategista. Seu abandono da propaganda pela ação implementada pelos “insurrecionistas” e sua adesão à ação dos anarquistas no movimento operário não devem ser creditados como uma antecipação particularmente brilhante da situação: ele apenas acompanhou o movimento, ele estava indo “ao sabor do vento”. Kropotkin observa, portanto, em *A Revolta* de 18 de março de 1891, o fracasso retumbante da estratégia “insurrecionalista”: “um edifício baseado em séculos de história não pode ser destruído com alguns quilos de explosivos”, ele escreveu. Essa é uma observação óbvia, que ele poderia muito bem ter feito anos antes. Ele concluiu que “a revolução, acima de tudo, é um movimento popular”. É preciso ressaltar que Bakunin já havia feito essa observação muito antes dele? Kropotkin nunca condenou os ataques, desde que eles despertassem certo interesse no movimento anarquista.

Kropotkin não estava desinteressado no movimento dos trabalhadores, pois foi por muito tempo um cronista regular das lutas sociais em *Les Temps nouveaux*, mas sua visão do sindicalismo estava a milhões de quilômetros de distância daquela do sindicalismo revolucionário. Agora que está a emergir um movimento de rejeição em relação aos ataques, em

⁹ *Les Temps nouveaux*, 5 de outubro de 1907.

particular entre os sindicalistas, Kropotkin pensa que “devemos estar com o povo, que já não exigem actos isolados, mas *homens de ação dentro de suas fileiras*”; ele recomenda “sindicatos monstruosos, abrangendo milhões de proletários contra os milhares e milhões de ouro dos exploradores”.¹⁰ Tais observações permitem ao autor do artigo “Kropotkin” na *Grande Encyclopédie Larousse* escrever que o revolucionário russo “aparece como um dos precursores do sindicalismo revolucionário, que, alguns anos mais tarde e por muito tempo, marcaria fortemente o movimento operário francês com, entre outros, homens como Émile Pouget e Fernand Pelloutier.”

É absurdo pensar que Pouget e Pelloutier pudessem ter sido influenciados por Kropotkin na determinação de sua orientação revolucionária. Émile Pouget não havia esperado por Kropotkin para se envolver no movimento sindical, já que em 1879 participou da criação de um sindicato de trabalhadores têxteis. Quanto a Pelloutier, eleito secretário adjunto da Federação das Bolsas de Trabalho em 1894 e secretário no ano seguinte, foi a experiência prática da ação diária que o levou gradualmente do republicanismo ao socialismo e até mesmo ao anarquismo.

O modelo ao qual Kropotkin se refere é obviamente o modelo sindical britânico, os Trade Unions, ou seja, sindicatos muito grandes que reúnem milhões de trabalhadores. Esta é uma perspectiva que nada tem a ver com a do sindicalismo revolucionário. Embora o modelo sindicalista revolucionário não negligencie a necessidade de sindicalizar o maior número possível de trabalhadores, esta não é sua característica essencial. Tudo o que pode ser dito é que, se Kropotkin defende a entrada de anarquistas nos sindicatos, não há nada nestes artigos que possa apoiar a ideia de que ele defendeu o *sindicalismo revolucionário*. A visão ecumênica de Schmidt e van der Walt os levou a rotular qualquer anarquista que defendesse o uso de sindicatos como um “sindicalista revolucionário”.

O que acontece é que as declarações de Kropotkin, mesmo as mínimas, em favor do sindicalismo provocaram reações extremamente hostis no movimento anarquista.

A imprensa do movimento anarquista francês ecoou reuniões organizadas “para discutir a conduta a ser adotada em relação aos sindicatos operários, para buscar os meios mais simples e lógicos de demonstrar seu perigo e a nova fonte de autoritarismo que dele resulta”.¹¹ Tais iniciativas estavam longe de ser isoladas. A ata de uma reunião anarquista nos conta que “um camarada discutiu a questão dos sindicatos.

¹⁰ *La Révolte*, 27 de Setembro de 1890, citado por J. Maitron, *op. cit.* pág. 246 e sq.

¹¹ *La Révolte*, julho de 1891, citado por Maitron, p. 266.

Ele mostrou que elas não podem servir à emancipação econômica do trabalhador”. Houve cartas de protesto até mesmo do mundo inteiro. O orador reconhece, no entanto, que os sindicatos podem ser úteis para a “emancipação intelectual, porque constituem um encontro onde cada trabalhador só pode buscar os meios para estancar a miséria de que é vítima”,¹² o que reduz o sindicato a um grupo de reflexão... O sindicato era visto claramente como um “espaço de propaganda”, não como uma ferramenta de luta, como diz Toledo, que basicamente conta a mesma história para o Brasil.

Um relatório policial francês datado de 23 de outubro de 1890 confirma essa rejeição ao sindicalismo. Aqui está o que podemos ler lá:

“... Muitos protestos foram ouvidos; quase houve gritos de traição. Foram enviadas cartas individuais e coletivas de tom muito vivo para o jornal. Alguns também vieram do exterior...”¹³

Vemos mais uma vez uma semelhança surpreendente entre a situação no Brasil e na França quando Toledo nos conta que “os anarquistas engajados no movimento sindicalista revolucionário receberam duras críticas de grande parte do mundo anarquista.”¹⁴ Isso significa que a atividade dos anarquistas no movimento sindical foi apenas marginalmente aceita pelos ativistas, pelo menos *por um tempo* – algo que Schmidt e van der Walt parecem ignorar.

Esses protestos contra a atividade sindical revelam o grau de desinteresse de uma parte do movimento anarquista da época em relação ao movimento operário. É claro que tais reações não podem incriminar *todo* o movimento anarquista: de fato, muitos anarquistas *já estavam* envolvidos no movimento sindical, muitas vezes por muito tempo. Mas eles mostram claramente que o movimento anarquista era *incapaz de ter qualquer estratégia coerente* em relação à classe trabalhadora e ao mundo sindical: falar conseqüentemente do sindicalismo como uma “estratégia” do movimento anarquista é completamente impreciso. Schmidt e van der Walt ignoram completamente o fato de que parte do movimento anarquista internacional – *inclusive na Espanha* – ocorreu no final do século XIX e no início do século XX, vigorosamente hostil ao sindicalismo. *Foi somente por volta de 1907 que o movimento anarquista espanhol decidiu se envolver no movimento sindical.*

Se em 1890 Kropotkin se declarou a favor da constituição de grandes sindicatos, em 1898 ele marcou seu distanciamento do nascente

¹² *Ibidem.*

¹³ Citado por Jean Maitron, *Histoire du mouvement anarchiste*, Gallimard, vol. I, pág. 266.

¹⁴ Toledo, pág. 51.

sindicalismo revolucionário: o sindicato era um instrumento de propaganda, mas não podia de forma alguma ser uma *prefiguração da sociedade futura*: e este é um ponto *essencial* da doutrina sindicalista revolucionária.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a carreira política de Kropotkin foi muito longa e que seu ponto de vista inevitavelmente mudava de acordo com as circunstâncias: durante os períodos de crise revolucionária, ele tendia mais para posições do tipo sindicalista revolucionário, mas essas eram posições circunstanciais e não uma adesão real. Há algumas muito raras alusões à ideia do sindicato como prefiguração da sociedade futura, mas, no geral, seu pensamento permaneceu orientado para a comuna como prefiguração.

Kropotkin, portanto, não se situa de forma alguma na perspectiva do sindicalismo revolucionário; Por outro lado, ele se alinha inteiramente com as posições anarco-comunistas tradicionais e não se distingue de Malatesta neste ponto. Ele não era hostil ao sindicalismo, mas sua obra é particularmente discreta em relação ao sindicalismo revolucionário e seus militantes.

No Congresso Socialista de Londres, que resultou na expulsão final dos anarquistas da Segunda Internacional, houve um número significativo de delegados (incluindo Pelloutier) que haviam sido anteriormente excluídos como anarquistas, mas que retornaram com mandatos sindicais. Esta operação foi realizada com a ajuda de Malatesta, que morava em Londres. Em uma nota em seu livro, Jacques Julliard nos conta que Pelloutier estava então “em correspondência regular com Kropotkin e Malatesta em Londres”, mas não sabemos se isso era apenas um fato circunstancial por ocasião do congresso socialista.¹⁵ De qualquer forma, o livro de Julliard sobre Pelloutier faz pouca referência a Kropotkin. Nos círculos anarcocomunistas da época, pelo menos na França, alguns ativistas censuraram Pelloutier por ter desviado os ativistas de atividades “específicas”. Nas notas que escreveu à carta de Kropotkin de 5 de março de 1902 (publicada em 1925), Max Nettlau critica esses militantes que se acreditavam “em posse da panaceia sindicalista” e evoca com manifesta amargura “a completa mudança de atitude de tantos anarquistas assim que, a partir de 1895, viram todos esses sindicatos inspirados pelo espírito de Fernand Pelloutier”¹⁶ – um comentário que confirma as palavras deste relatório policial, que registra a deserção de ativistas que saíram para

¹⁵ Jacques Julliard, *Fernand Pelloutier e as origens do sindicalismo*, Le Seuil, 1971.

¹⁶ Carta de Kropotkin para Max Nettlau, 5 de março de 1925. Veja: <file:///C:/Users/René/Desktop/COREA-TOLEDO%20et%20a4/Kropotkin-Nettlau.pdf>

se juntar ao sindicato.

Um exame dos escritos de Kropotkin mostra que ele não negligenciou a importância das lutas dos trabalhadores, sobre as quais ele regularmente relatava na imprensa anarquista. No entanto, as lutas dos trabalhadores e a ação sindical permanecem um tanto anedóticas, confinadas à sua atividade jornalística; Eles não fornecem os elementos para o pensamento estratégico, como foi o caso de Bakunin.

Na carta citada a Max Nettlau, Kropotkin escreve:

“...Eu sempre – do *Bulletin* Jurassien a *La Révolte* – preguei a participação ativa no movimento operário, o movimento operário revolucionário. Ultimamente, eu estava colecionando *La Révolte*. Bem, em cada edição eu encontrava um e muitas vezes dois artigos meus falando sobre o movimento revolucionário dos trabalhadores. Então, pelo menos para *La Révolte*, não podemos dizer que mudamos. É do Pouget que você está falando, que faz o *Voix du Peuple* em vez do *Peinard*? Pois bem, ele tem toda a razão se, depois de ter trabalhado no desenvolvimento da ideia, trabalha para difundi-la, para fazer com que as ideias anarquistas e revolucionárias penetrem no meio que, sozinho, um dia pegará no fuzil para fazer a revolução.”

Depois de publicar entre 1889 e 1900 um semanário anarquista em gíria parisiense, *Le Père Peinard*, Pouget assumiu a responsabilidade por *La Voix du Peuple*, o principal órgão semanal da Confederação Geral do Trabalho, a partir de 1º de dezembro de 1900.

Numa amostra de 17 textos (ver lista abaixo¹⁷), o termo “CGT” não aparece uma única vez, a palavra “sindicato” aparece várias vezes no sentido de sindicato patronal (*A conquista do pão* e *A guerra*), governamental (*O destino da revolução*) ou agrícola (*O Estado – seu papel histórico*); num texto aparece no sentido de sindicato operário (*Autour d'une vie*, 3 ocorrências), mas em considerações muito gerais. O nome de Émile Pouget aparece duas vezes em *Autour d'une vie*, quando Kropotkin descreve seus desentendimentos compartilhados com a lei; o de Pelloutier e Monatte¹⁸ nem uma vez. No entanto, alguém poderia pensar que Pelloutier,

¹⁷ Em torno de uma vida; Aos jovens; Comunismo e Anarquia; Fatalidade da Revolução; Ação Anarquista na Revolução; Anarquia – Sua filosofia – Seu ideal; O Espírito da Revolta; O Estado – seu papel histórico; A Organização da Vingança – chamada Justiça; A Comuna; A Comuna de Paris; A Conquista do Pão; A Grande Revolução; A Guerra; Lei e Autoridade; Moralidade Anarquista; A revolução será coletivista; O Princípio Anarquista; O Salário.

¹⁸ Pierre Monatte nasceu em 1881. Kropotkin morreu em 1921.

o fundador das bolsas de trabalho, poderia ter atraído a atenção de Kropotkin, na medida em que as bolsas de trabalho eram estruturas horizontais que eram literalmente equivalentes a “municípios de trabalhadores”, o que estava perfeitamente de acordo com a abordagem kropotkiniana.

Kropotkin, no entanto, faz alusão ao “nosso camarada Pouget” na introdução de 1919 à edição russa de *Paroles d'un révolté*. O velho revolucionário faz uma alusão a *A Conquista do Pão*, obra na qual ressaltava que a revolução social terá como tarefa primordial “a questão do pão para todos”. E ele comenta:

“Foi somente muitos anos depois, quando o movimento sindical começou a se enraizar na França, que outra obra apareceu sobre o mesmo assunto. Nosso camarada Pouget descreveu, em seu livro *Como Faremos a Revolução*, como uma revolução social poderia ser realizada na França sob a liderança dos sindicatos dos trabalhadores; como, sem esperar nada daqueles que não deixariam de tomar o poder, os sindicatos operários e os congressos seriam capazes de expropriar os capitalistas e organizar a produção em novas bases, sem, para isso, permitir paralisações na produção. É claro que somente os trabalhadores e suas organizações conseguirão atingir esse objetivo; e embora eu discordo de Pouget em certos detalhes, recomendo com confiança este livro a todos que entendem que a humanidade está, sem dúvida, no começo da reconstrução social.”

A única alusão de Kropotkin ao sindicalismo revolucionário (sem nomeá-lo...) é encontrada, portanto, em um relatório de leitura de um livro de Pouget...

Tem-se a impressão de que Schmidt e van der Walt estão brincando com a confusão entre a palavra “sindicalista” – que em inglês significa “sindicalismo revolucionário” – e “trade-unionism”, que é equivalente ao francês “syndicaliste”. Ao dizer que Kropotkin (ou Malatesta) “defendia” o sindicalismo, eles na verdade querem dizer que ele defendia o “trade unionismo”.

Na Rússia, desenvolveu-se uma corrente anarco-comunista extremamente radical que se opôs às análises de Kropotkin sobre a revolução de 1905. Baseando-se em Paul Avrich,¹⁹ Schmidt e van der Walt

¹⁹ Paul Avrich, *Os Anarquistas Russos*, ed. François Maspéro para a edição francesa.

escrevem que “Kropotkin publicou um jornal chamado *Kleb i Volya* (Pão e Liberdade) para distribuição na Rússia promovendo o sindicalismo revolucionário [*syndicalism*] a fim de combater a tendência ‘anarco-comunista’.”²⁰ Os autores concluem que Kropotkin (e outros) “abraçaram o sindicalismo revolucionário” [*syndicalism*]. E em nota, eles especificam: “Não é ilusão falar de um Kropotkin sindicalista revolucionário.”

No entanto, Schmidt e van der Walt não mencionam que Avrich, que serve como fonte para eles, afirma em seu livro que “Kropotkin não sentia o fascínio por eles [*os sindicatos*] que seus jovens seguidores tinham, mas declarou-se pronto a dar-lhes seu apoio.” Não há razão para fazer de Kropotkin um apoiador do sindicalismo revolucionário...

Podemos dizer que o anarquismo propriamente dito, no sentido contemporâneo da palavra, nasceu quando os ativistas da Federação do Jura abandonaram o coletivismo,²¹ ou seja, uma prefiguração do sindicalismo revolucionário, para se referir ao “comunismo anarquista”. Essa mudança se baseia teoricamente na refutação do princípio “a cada um segundo sua obra”, no qual a AIT se baseou, em favor do princípio “a cada um segundo suas necessidades”. Sabemos o papel desempenhado por Kropotkin nessa “mutação”. Em outras palavras, o anarquismo surge quando a corrente coletivista e bakuninista da Internacional se vê questionada por uma corrente que se diz comunista e que chamaremos de “anarquismo comunista”. Se a AIT foi, portanto, o “berço” do anarquismo, é preciso esclarecer que este último foi formado em oposição aos princípios desenvolvidos por Bakunin. O surgimento do anarquismo coincide com o desaparecimento da Internacional.

Não é tanto essa inovação teórica, que de outra forma seria relevante, que funda o anarquismo como movimento, mas o novo modo de intervenção que ele adotará. A corrente “antiautoritária” deixa de existir como movimento de massas, perde sua estrutura de classe e se atomiza em grupos com afinidades de ideias – em grupos “especificamente anarquistas” – cuja composição social deixa de ser de classe trabalhadora. É esta mudança que talvez explique a passagem de uma ideologia baseada no trabalho para uma ideologia baseada no consumo, tal como pode explicar a mudança semântica do termo “antiautoritário”, que inicialmente era um conceito político que se aplicava originalmente a tudo o que se relacionava com a política, com o Estado, e que acabou assumindo um

²⁰ *Black Flame*, pág. 126.

²¹ O termo “coletivismo” assumiu vários significados ao longo da história. Primeiro, dentro da Internacional, ele designou os partidários do federalismo e da coletivização (e não da nacionalização) dos meios de produção. Foi então usado para designar os comunistas. Portanto, devemos prestar atenção ao contexto para entender o que está sendo discutido.

significado psicológico e comportamental.

Os coletivistas bakuninistas se autodenominavam “antiautoritários”, federalistas, e se opuseram aos centralistas burocráticos. A confusão possibilitada pela palavra foi alegremente retomada após a morte de Bakunin. A Internacional “antiautoritária” foi aquela que se opôs ao centralismo da organização e defendeu concepções federalistas da organização. “Autoritário”, nesse contexto e na linguagem da época, tinha praticamente o mesmo conteúdo da palavra “burocrático” hoje. A tendência antiautoritária da AIT era, portanto, a favor da democracia dos trabalhadores, enquanto a tendência marxista era vista como a favor da centralização burocrática.

Após o fim da Internacional, em reação à burocratização e centralização implementadas por Marx, desenvolveu-se uma oposição a todas formas de organização, semente inevitável do “autoritarismo”. Engels não se enganou quando chamou os antiautoritários do novo estilo de “autonomistas”.²²

Após a morte de Bakunin, os anarquistas rejeitariam as próprias noções de poder e autoridade, não com base em uma análise política, mas em critérios quase religiosos. Isso se tornou um antiautoritarismo metafísico. Eles abandonaram até mesmo os fundamentos teóricos da doutrina desenvolvida por Proudhon e Bakunin, cujo centro de gravidade era o federalismo. Eles desenvolveram uma forma particular de liberalismo radicalizado do qual Kropotkin é, na minha opinião, a expressão.

Se a “certidão de nascimento” do anarquismo pôde ser localizada no congresso de Verviers, que transformou a AIT em um grupo de afinidade, foi talvez Kropotkin quem escreveu sua certidão de batismo, em 1880, definindo-a assim: “Revolta permanente pela palavra, pela escrita, pelo punhal, pelo fuzil, pela dinamite”.²³ Ao fazer isso, o aristocrata e geógrafo erudito russo facilmente enviava seus pequenos camaradas para o matadouro, reservando a fala e a escrita para si. É verdade que, arrependido, ele mais tarde diria esta verdade: “Um edifício social de várias centenas de anos não pode ser destruído com alguns quilos de dinamite.” Esclareçamos que *Le Révolté* era, em princípio, o jornal da Federação do Jura, fundado pelo próprio Kropotkin em fevereiro de 1879. Eis o que ele disse sobre o primeiro número publicado:

“Era moderado na forma, mas revolucionário na substância, e fiz o meu melhor para produzir o artigo em um estilo que tornasse as questões históricas e econômicas mais complicadas

²² Marx-Engels Collected Works, carta de Engels para Sorge, 2 de novembro de 1872, Lawrence & Wishart, vol. 44, pág. 445.

²³ *Le Révolté*, 25 Dezembro de 1880, citado por Jean Maitron. Na verdade, não é absolutamente certo que Kropotkin tenha escrito essas palavras, mas elas estavam em uma publicação pela qual ele era responsável.

compreensíveis para qualquer trabalhador inteligente.”
(Kropotkin, *Em torno de uma vida.*)

Responsável por um dos jornais anarquistas mais lidos, um jornal que se dizia herança da AIT, Kropotkin de fato endossava todos os excessos do movimento anarquista, soprava na direção para onde o vento soprava; e se, em seus livros, ele tentou “reunir os sintomas que de todos os lados pressagiam o advento de uma nova era, a germinação de novas formas de vida social”, ele nunca constituiu um polo de reagrupamento do movimento em torno do qual uma alternativa poderia ter sido desenvolvida, em termos de organização e estratégia, às derivas centrífugas do movimento anarquista da época. Os autores anarquistas desse período encontram-se muito atrás de homens como Proudhon em teoria ou Bakunin em estratégia.

Quando o anarquismo se constitui explicitamente como um movimento, é o insurrecionalismo (no sentido de um ato individual de revolta) e o individualismo que estão em questão, não o “anarquismo de massas”, longe disso; De qualquer forma, é um anarquismo totalmente incapaz de ter uma estratégia sindical. A tipologia estabelecida por Schmidt e van der Walt é totalmente inoperante.

Sindicalismo revolucionário, uma “estratégia” do anarquismo ?

Na última década do século XIX, muitos anarquistas na França estavam envolvidos no movimento sindical, em bolsas de trabalho e realizavam um trabalho militante obscuro, diário, mas real. Estima-se que em 1914, quando o sindicalismo revolucionário já estava consideravelmente enfraquecido, ainda havia 100.000 sindicalistas que continuaram a votar nas orientações defendidas pelos anarquistas²⁴. A maioria deles provavelmente nunca tinha lido nada de Bakunin ou o conhecia apenas por ouvir dizer.

Quando Schmidt e van der Walt escrevem que o sindicalismo revolucionário é uma “estratégia” do anarquismo, eles estão divagando na mais completa imprecisão. No início do século XX, havia todo tipo de anarquismo, cada um com uma estratégia diferente, implícita ou explícita, e naquela época não havia nenhum tipo de anarquismo que correspondesse à imagem que os autores de *Black Flame* têm dele. Edilene Toledo

²⁴ *Subversion*, “L’influence anarcho-sindicaliste dans la CGT 1902-1923”. Coleção editada pelo grupo Louis Bertho-Lepetit da Federação Anarquista.

confirma esta observação para a situação no Brasil: “a existência de múltiplas correntes internas no anarquismo, muitas das quais em conflito entre si, tornou por vezes difícil dar uma definição geral que abarcasse o que havia de comum entre todas as variantes de concepções filosóficas, ideias sobre o futuro e métodos de luta.”²⁵ Isso obviamente complica a determinação de *qual anarquismo* o sindicalismo revolucionário seria a “estratégia”. No entanto, quando se lê *Black Flame*, temos a impressão de que não estamos tratando de um anarquismo historicamente situado, mas de um anarquismo mítico e etéreo:

“O sindicalismo revolucionário era uma estratégia de massa anarquista e deveria ser entendido dessa forma, independentemente de seus proponentes estarem cientes de sua genealogia anarquista.”²⁶

Esta é uma afirmação surpreendente, que estranhamente se assemelha a um ultimato, e que nega ao anarquismo o caráter de uma doutrina e de um movimento consciente de si mesmo, já que Michael Schmidt e Lucien van der Walt qualificam como “anarquistas” pessoas que não têm consciência de sê-lo... ou que não *querem* sê-lo. Além disso, para que o sindicalismo revolucionário seja uma “estratégia” do anarquismo, o anarquismo teria que existir. A CGT na época do sindicalismo revolucionário tinha até 600.000 membros numa altura em que o número muito flutuante de membros de grupos anarquistas específicos deve ter sido entre 2.000 e 4.000 – grupos completamente dispersos, cujos membros tiveram que ser sindicalizados apenas em parte, sem organização nacional, sem coordenação, com orientações políticas múltiplas e muitas vezes incompatíveis. Há alguma presunção em afirmar que o sindicalismo revolucionário pode ter sido uma “estratégia” do anarquismo. Claro que estou falando apenas da França aqui, mas não creio que a situação tenha sido diferente no Brasil, como mostra o livro de Edilene Toledo, ou em outros lugares.

Não podemos dizer que o sindicalismo revolucionário é uma “estratégia” do anarquismo simplesmente porque o sindicalismo revolucionário não é uma “produção” do anarquismo, mesmo implicitamente – sabendo, além disso, que o anarco-sindicalismo não apareceria antes da década de 1920. O sindicalismo revolucionário e o

²⁵ Edilene Toledo, *Anarquismo, sindicalismo e revolução no Brasil (1906-1936)*, p. 58. (Niterói, abril de 2009).

²⁶ Cf. *Black Flame*: “O sindicalismo, em essência, é uma *estratégia anarquista*, não um rival do anarquismo” (p. 16); “O sindicalismo foi uma estratégia anarquista de massas e deve ser entendido como tal, independentemente de seus proponentes estarem cientes de sua genealogia anarquista” (p. 170).

anarco-sindicalismo não são movimentos que aparecem contemporaneamente: o último aparece enquanto o primeiro desaparece ou se funde com o movimento comunista.

Quando, dentro da antiautoritária AIT, uma corrente anarquista surgiu em oposição a uma corrente sindicalista, foi na forma de insurrecionalismo. *O anarquismo em sua formação nada mais foi do que o insurrecionalismo*, que se desenvolveu na AIT *contra* a corrente sindicalista, o que não apoia muito as hipóteses de Schmidt e van der Walt. Foi essa corrente anarquista que, no Congresso de Verviers, em 1877, fez com que o que restava da Internacional antiautoritária (na verdade, não muito) adotasse um programa anarquista, contrariando tudo o que Bakunin havia defendido, transformando a Internacional, que ainda era, pelo menos em princípio, uma organização de classe, em uma organização de afinidade. Se eu ousasse, diria que o anarquismo foi formado *contra* Bakunin e *suas* teses sindicalistas. Os anarquistas que emergiram da AIT antiautoritária após o Congresso de Verviers em 1877, após o Congresso de Londres em 1881, não basearam sua “estratégia” no princípio bakuniniano de “dupla organização”, como dizem os plataformistas de hoje, pois eles simplesmente transformaram a organização de “massa” (a AIT) em um grupo de afinidade específico. É simplesmente grotesco considerá-los como inspiradores de uma estratégia sindical.

Isso significa que há uma contradição entre anarquismo e sindicalismo revolucionário? ? Sem chance. Com a condição de que especifiquemos **de que anarquismo estamos falando** e que não abordemos a relação entre anarquismo e sindicalismo revolucionário de um ponto de vista ideológico e dogmático, que é o frequentemente adotado por Schmidt-van der Walt, mas de um ponto de vista prático. De fato, após o fim da Internacional antiautoritária, houve cerca de vinte anos em que o anarquismo tomou direções tão divergentes que é difícil encontrar qualquer unidade nele. Não podemos mais falar de anarquismo sem acrescentar um epíteto. Durante esse período, havia três tipos de anarquistas.

a) Aqueles que se envolveram em terrorismo, que podem ser considerados individualistas insurrecionais. Eu acrescentaria, no entanto, que chamar os perpetradores dos ataques anarquistas das décadas de 1890 e 1900 de “insurrecionistas” é um abuso de linguagem. Engajar-se em ataques individuais é uma forma de desacreditar o insurrecionalismo praticado pelo movimento operário, como foi o caso, por exemplo, do movimento insurrecional makhnovista, ou quando os proletários espanhóis se levantaram em massa contra o fascismo na Espanha em julho de 1936. Não me ocorreria descrever o anarquismo como concebido por Makhno como “insurrecionalista”, já que o

insurrecionalismo não estava no cerne de sua doutrina anarquista, era apenas circunstancial, respondendo às necessidades do momento.

b) Os anarquistas “específicos” que atuavam em grupos anarquistas, que não praticavam o terrorismo, mas que não o condenavam (pelo menos no início, porque no Congresso de Paris de 1913 houve uma rejeição muito firme do individualismo e dos ataques), que publicavam jornais, se dedicavam à educação, faziam propaganda antimilitarista, antiparlamentar, etc. A atitude desses ativistas em relação ao sindicalismo não era uniforme. Houve prós e contras. Trata-se, em suma, de uma corrente anarcocomunista (ou comunista libertária) com tendências diversas e que não pode ser identificada com o insurrecionismo.

c) Aqueles que estavam anonimamente envolvidos no movimento sindical, mesmo antes da *Carta aos Anarquistas* de Pelloutier (1899) e que constituiu parte essencial do núcleo militante sindicalista revolucionário da CGT. Esses ativistas também poderiam fazer parte dos grupos “específicos” mencionados em b), mas sua atividade principal era, sem dúvida, a atividade sindical.

Se houve um tempo em que o anarquismo era diverso, múltiplo, multiforme e contraditório, é aquele durante o qual o sindicalismo revolucionário foi formado. Foi também um período em que parte do movimento anarquista se posicionou *contra* o sindicalismo – e não apenas na França. Afirmar, portanto, que o sindicalismo revolucionário é uma “variante” e uma “estratégia” do anarquismo é estritamente sem sentido.

Sindicalismo, imprensa anarquista e filiação anarquista até 1914 na França

A imprensa anarquista francesa mostra uma simetria surpreendente com sua contraparte brasileira – mas também uma diferença notável: o peso do sindicalismo revolucionário na França sem dúvida contribuiu para reduzir a influência das posições de Malatesta.

- Em 1891, o jornal *La Révolte* publicou artigos claramente anti-sindicais.

- Em 1895 foi publicado *Les Temps Nouveaux*, que publicava artigos sobre sindicatos e lutas. Com artigos de Fernand Pelloutier, o sindicalismo fez sua entrada no jornal. Após o desaparecimento de Pelloutier, Paul Delesalle cria a coluna regular do “Movimento Operário”. Delesalle foi substituído em 1906 por Amédée Dunois e Pierre Monatte, depois por Dumoulin. Até 1914, o sindicalismo era reconhecido como o melhor meio

de luta disponível para a classe trabalhadora.

- *O Libertário* de Sébastien Faure passa por vários períodos:

- 1895-1899: é o refúgio dos anarquistas violentamente hostis ao movimento sindical.

- De 1899 a 1907, coexistiram duas correntes opostas.

A partir de 1908, *Le Libertaire* manteria uma espécie de equilíbrio entre artigos a favor do sindicalismo e artigos contrários a ele. Os individualistas deixaram *Le Libertaire* em 1905 e se refugiaram em seu próprio jornal, *l'Anarchie*, que permaneceu violentamente antissindical. Seus principais autores: Libertad, Mauricius, Lorulot, Armand. A saída dos individualistas acentua a adesão dos *libertários* ao sindicalismo.

Nota: a imprensa anarquista francesa, assim como o próprio movimento anarquista, não experimenta nenhuma adesão significativa às teses de Malatesta, *o que não ocorreu no Brasil*, sem dúvida sob a influência da forte imigração italiana. A diferença entre os dois países talvez possa ser explicada por um efeito de vasos comunicantes: na medida em que na França o sindicalismo revolucionário foi um momento extremamente poderoso no movimento operário, a ponto de controlar uma confederação sindical, ele foi capaz de atrair forças militantes que poderiam ter se dirigido às posições de Malatesta (que não estavam, no entanto, totalmente ausentes). O Brasil não viveu situação idêntica à da França, onde uma corrente declaradamente sindicalista conseguiu se desenvolver e, por fim, dominar as demais correntes do movimento anarquista, dando assim ao sindicalismo revolucionário francês sua fisionomia particular.

Portanto, não devemos nos ater à imagem de um movimento anarquista francês fortemente oposto ao sindicalismo. Os ativistas que condenaram o sindicalismo foram, sem dúvida, os mais “barulhentos”, os mais “visíveis” em termos de publicações, mas se encontraram relativamente marginalizados. Acima de tudo, é preciso ter em mente que as posições tomadas pelos ativistas não foram dadas de uma vez por todas: a “fotografia” do movimento anarquista em relação à questão sindical mostra que o movimento evoluiu gradualmente de um antissindicalismo inicial para um apoio relativamente significativo. Esse processo não é visível em Schmidt e van der Walt, nem em Toledo.

Em relação à situação do movimento anarquista e suas relações com o sindicalismo, estamos diante de uma situação paradoxal.

- Por um lado, temos o relato de um congresso realizado em agosto de 1913, que tentou unificar os grupos anarquistas franceses em uma federação e que notou uma insatisfação dos anarquismos com o movimento sindical.

- Por outro lado, há um relatório policial, datado de 1908, afirmando que a venda de jornais anarquistas estava caindo porque a maioria dos anarquistas havia ingressado no movimento sindical. !

- Finalmente, temos as palavras de um conhecido sindicalista revolucionário (mas que não tem simpatia pelos anarquistas) que observa o descontentamento dos anarquistas em relação ao sindicato.

Estamos aqui diante de um paradoxo baseado em várias fontes:

1) Declarações feitas no congresso anarquista. *Les Temps Nouveaux* de 23 de agosto de 1913 faz um balanço do congresso e reconhece a necessidade de “misturar-se com os sindicatos para semear sentimentos revolucionários e a ideia de uma greve geral expropriadora”.²⁷ Mas há algumas dúvidas sobre se os anarquistas fizeram o que era necessário para se estabelecerem no movimento sindical: “Por outro lado, como está claro que há algum tempo a influência exercida por nossos camaradas no movimento sindical diminuiu visivelmente, também se tornou necessário nos perguntar se sempre fizemos no sindicato o que sempre deveríamos ter feito.”

2) Um relatório policial de 1908²⁸ atribui a queda nas vendas do *Le Libertaire* ao fato de que “quase todos os seus leitores agora são sindicalistas e não encontram mais nada de interesse neste jornal”. Este relatório diz que “a situação do jornal *Le Libertaire* é absolutamente desesperadora”; “...não atende mais a nenhuma necessidade; o gênero anarquista que ele representa praticamente não existe mais. Atualmente, quase todos os anarquistas são sindicalistas e antimilitaristas em primeiro lugar, e não faltam jornais que representam essas concepções e métodos de ação e são mais interessantes do que o *Libertaire* que, apesar de todos os seus esforços, não conseguiu se adaptar”. Este é um diagnóstico que revela com bastante precisão a situação do movimento anarquista da época.

O relatório continua: “Certamente, ainda há anarquistas não sindicalistas, mas não em número suficiente para sustentar um jornal, e justamente para eles também, o *Libertaire* não interessa mais, pois queriam muito se envolver com o sindicalismo. Em suma, ele é sindicalista demais para os anarquistas puros, e não o suficiente para os outros.”

O relatório policial é pessimista sobre o futuro do jornal: “Sébastien Faure provavelmente intervirá novamente para atrasar seu desaparecimento definitivo, mas esse desaparecimento é inevitável. Somente *L'Anarchie*, apesar das divergências de seus editores e de sua quase absoluta falta de leitores, continua em boa situação orçamentária, graças aos seus recursos misteriosos.²⁹” (*Ênfase minha.*) Não nos deteremos mais no que consistem esses “recursos misteriosos”.

²⁷ “Nosso Congresso”, em *Les Temps Nouveaux*, 23 Agosto de 1913. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article514>

²⁸ Arquivos Nacionais, sítio Pierrefitte-sur-Seine, Fundo de Moscou, pagamento 19940494 art. 54.

²⁹ É fácil adivinhar o que eram esses “recursos misteriosos”.

3) Alfred Rosmer, um ativista que não pode ser suspeito de simpatia pelo anarquismo, vê as coisas de forma diferente. Ele escreveu em *L'Internationale* de 27 de setembro de 1912 que “a maioria deles [os anarquistas] não está na CGT. Eles estão fora da CGT porque não são ou não podem ser filiados ao sindicato.”³⁰ Em outras palavras: anarquistas não são empregados, portanto não são sindicalizados.

Então, por um lado, temos um relatório policial que diz, esquematicamente, que os anarquistas mudaram em massa para o sindicalismo. Mas, por outro lado, temos duas afirmações que sugerem o oposto.³¹ Então em quem acreditar? ? O relator do congresso anarquista de 1913, que provavelmente tem pouco a ver com o movimento sindical? O relatório policial? O sindicalista revolucionário Rosmer, que tinha pouca simpatia pelos anarquistas?

Quem está certo? O policial, ou o sindicalista revolucionário e o *libertário*? De fato, todos os três estão certos, desde que consideremos que o primeiro se posiciona de um ponto de vista aritmético, enquanto Rosmer e o *Libertário* se posicionam de uma perspectiva “sociológica”. Na verdade, eles não estão falando da mesma coisa. Quando o policial diz que as vendas da imprensa anarquista caíram, há todos os motivos para acreditar que ele tem as informações corretas para fazer tal afirmação.

Quando Rosmer diz em 1912 que a maioria dos anarquistas não está na CGT, ele está falando sobre anarquistas que naquela época são *identificáveis como tal*, aqueles que estão em grupos específicos e a maioria dos quais não pode se filiar a um sindicato – neste ponto ele está sem dúvida certo. Mas em seus comentários ele esquece a massa de anarquistas que se juntaram à CGT, muitas vezes há muito tempo, e que não são mais identificáveis como anarquistas, mas como sindicalistas revolucionários.

E quando o *Libertaire* se questiona no congresso de 1913 sobre o declínio da influência dos anarquistas no movimento sindical, quase soa como um *mea culpa*. No entanto, os anarquistas ainda estavam lá, porque apesar do congresso de Amiens ter ofuscado o antimilitarismo, as resoluções antimilitaristas propostas por iniciativa dos delegados anarquistas ainda coletaram um número considerável de votos nos congressos até 1914.³²

³⁰ A. Rosmer, *O sindicalismo francês e a mentira de Cesare Alessandri*, em “L'Internationale”, 27 de setembro de 1912. Citado por Maurizio Antonioli, *op. cit.*

³¹ Os policiais franceses não foram os únicos a fazer bons diagnósticos: seus colegas brasileiros também pareciam muito competentes. De fato, encontramos no livro de Edilene um relatório policial (p. 116) que também é notável observação da situação em 1931.

³² Vale dizer, no entanto, que com a aproximação da guerra, que parecia óbvia para todos, muitos delegados socialistas votaram em resoluções anarquistas

O relatório do congresso feito por *Les Temps Nouveaux* em 23 de agosto de 1913, e os comentários que se seguem, relatam detalhadamente a questão sindical. Afirma que “é importante que os anarquistas se misturem aos sindicatos para semear sentimentos revolucionários e a ideia de uma greve geral expropriadora”. Já é tempo de sugerir aos anarquistas que se “misturem com os sindicatos” enquanto o movimento específico³³ teve abandonado o terreno sindical à crescente corrente reformista, refugiando-se atrás da atitude maximalista que defendia a “revolução ou nada” e deixando os anarquistas sindicalistas lutarem com a luta diária no terreno.

Após este congresso, que finalmente viu o estabelecimento de uma certa coesão entre os anarquistas franceses, inúmeras conferências regionais foram realizadas. Deve-se notar, no entanto, que a federação do Sudeste, que realizou seu congresso em Lyon, admitiu todas as tendências – incluindo os individualistas – mas *se opôs à ação sindical*. A questão estava, portanto, longe de ser resolvida no movimento libertário.

Permanece, no entanto, que o número total de ativistas anarquistas deve ter sido muito limitado (de acordo com Maitron, cerca de 4.000 de todas as tendências), e o número total de ativistas anarquistas envolvidos na CGT ainda mais limitado – o que nos torna ainda mais admiráveis quando pensamos na influência que eles exerceram. Essa influência só pode ser compreendida pelo seu extremo investimento em ação, mas também, muito certamente, porque os ativistas libertários no movimento sindical tinham ao seu redor um “movimento” significativo, formado por círculos concêntricos de simpatizantes, a quem eles influenciavam. Talvez tenha sido a própria importância desse “movimento” que fez com que os ativistas libertários não considerassem necessário organizar uma tendência dentro da CGT, o que sem dúvida não parecia necessário em um período de ascensão, mas que, em um período de declínio, teria permitido limitar a hemorragia de membros, manter posições e, mais tarde, lutar contra a penetração de facções comunistas na CGT.

Durante uma troca de correspondência em 12 de outubro de 2015, com Vincent Dubuc, gerente do site *lapresseanarchiste.com*, ele me informou que um inventário por departamento³⁴ elaborado pela polícia no início de 1894 indicava 3.005 anarquistas (França e departamentos do Norte da África, admiraremos a precisão do número). Este número é, sem dúvida, incompleto, mas nos permite ter uma estimativa. Pela mesma troca de

contra a guerra.

³³ No jargão do movimento, “específico” designa aquilo que está relacionado à “organização especificamente anarquista”, ou “organização específica” em oposição a qualquer estrutura que não seja composta apenas por militantes anarquistas.

³⁴ Os “départements” são distritos administrativos. Existem 96 na França metropolitana.

correspondência, tomei conhecimento de que um boletim de ocorrência policial indicava que o *Libertaire* estava atirando em mais ou menos 9.000 cópias por semana em 1898 para 320/340 assinantes – o que sugere que as vendas ativistas devem ter sido significativas.

Do lado do sindicato revolucionário, *La Vie ouvrière*, fundada por Monatte em 1909 e que então representava a quintessência do sindicalismo revolucionário, teve uma tiragem de 2.000 cópias. *La Voix du Peuple*, o semanário da CGT fundado em dezembro de 1900 e que Émile Pouget dirigiria até 1908, apresentaria um déficit de 8.000 francos em setembro de 1901; mediremos a extensão desse déficit sabendo que o orçamento confederal na época era de aproximadamente 4.000 francos... A tiragem, inicialmente prevista em 12.000 cópias, vai para 8.000 em 1901 e depois para 5.000 em 1902 com uma tiragem média de 4.780 cópias, segundo Pouget.³⁵ A queda na circulação só foi interrompida porque o congresso de Montpellier exigiu que os sindicatos confederados assinassem o jornal, que manteve um foco anarquista, para descontentamento da corrente reformista da Confederação.

Se olharmos apenas *para as tiragens dos jornais*, e se aceitarmos que essas tiragens permaneceram constantes por dez anos, e sabendo também que *Le Libertaire* não era o único jornal anarquista em circulação, vemos que a corrente anarquista e a corrente sindicalista revolucionária tinham tiragens de ordem comparável. Mesmo admitindo que um exemplar de *La Vie ouvrière* foi lido por várias pessoas, isso dá uma ideia da proporção numérica de militantes sindicalistas revolucionários em comparação com os 600.000 membros da CGT.

Quando nos aprofundamos um pouco nas coisas e examinamos os fatos (os fatos reais, não os fatos “alternativos”), vemos uma realidade em movimento, que não se encaixa bem com ideias prontas; uma realidade o que dificilmente corresponde às declarações peremptórias. A partir de então, não importa mais se o sindicalismo revolucionário é uma “estratégia” do anarquismo. Entendemos apenas que o sindicalismo revolucionário e o anarquismo têm uma história interligada, cujas reviravoltas se sobrepõem, feitas de atração e repulsão.

Às vésperas da guerra, os dias de glória do sindicalismo revolucionário já haviam acabado há vários anos. A CGT sofreu uma série dramática de fracassos, incluindo a greve dos ferroviários de 1910 e a dos taxistas parisienses em 1911-1912. A força da Confederação caiu em 700.000 a 300.000 de 1912 a 1914. A força ascendente agora é a Seção Francesa da Internacional Socialista (SFIO) – também conhecida como Partido Socialista, cuja filiação triplicou desde sua criação em 1905. A unificação

³⁵ Relatório do 13º Congresso Nacional Corporativo, Montpellier, 22 a 27 de setembro de 1902, Imprimerie Debord-Martin et Martial, Montpellier, 1902.

do movimento socialista criou outro polo de identificação para a classe trabalhadora.

Entretanto, os anarquistas ainda estavam lá, porque apesar da Carta de Amiens obscurecer o antimilitarismo, as resoluções antimilitaristas iniciadas pelos anarquistas ainda receberam um número considerável de votos nos congressos até 1914.

O nascimento do sindicalismo revolucionário: uma criação espontânea da classe trabalhadora ?

Schmidt e van der Walt, seguidos por Felipe Corrêa, remontam o sindicalismo revolucionário às décadas de 1860-1870, à época da Internacional. *Black Flame* fala da “primeira onda do sindicalismo revolucionário nas décadas de 70 e 80” (p. 4).

“O sindicalismo revolucionário é frequentemente considerado como tendo surgido pela primeira vez na França na década de 1890; Mostramos, no entanto, que foi Bakunin, na década de 1860, e não Sorel quarenta anos depois, o principal teórico do sindicalismo revolucionário e que uma primeira onda de sindicalismo revolucionário ocorreu nas décadas de 1870-1880.”³⁶

Schmidt e van der Walt acrescentam que “uma segunda onda de sindicalismo revolucionário” começou na década de 1890.

Compreendo bem o que os leva a dizer isso, porque é *indiscutível* que os temas do sindicalismo revolucionário já se encontravam na Internacional antiautoritária e em Bakunin: neste sentido, Schmidt & van der Walt têm razão em sublinhar esta proximidade. Corrêa parece querer evitar confusão de termos ao falar de “sindicalismo com intenção revolucionária”.

Eles não são os primeiros a propor essa teoria e reconhecem que Gaston Leval o fez muito bem antes deles.³⁷; ele é autor de um estudo intitulado “Bakunin, fundador do sindicalismo revolucionário”. Posso até salientar que fiz parte do seu Centro de Estudos Libertários quando ele publicou esta série de artigos em 1971 nos seus *Cahiers de l'Humanisme libertaire*, e que os meus primeiros anos de ativista foram embalados por esta ideia.

Mas esta é uma tese que não pode ser aceita porque é um anacronismo, o que não diminui o fato de que há uma certa base para pensar desta maneira. No entanto, dizer que Bakunin foi o “fundador” do sindicalismo revolucionário é um exagero. É uma fórmula estilística, mas também é um

³⁶ *Black Flame*, pág. 16.

³⁷ Gaston Leval, Bakunin, *fundador do sindicalismo revolucionário*, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 3>.

abuso de linguagem. O revolucionário russo apenas observou essas práticas, ele as explicou e teorizou. Ele não *fundou, estritamente falando*, o sindicalismo revolucionário. Bakunin simplesmente teorizou o processo de constituição de um movimento de classe que estava ocorrendo diante de seus olhos. Se ele tivesse vivido na Inglaterra, teria observado algo bem diferente, e não se sabe que conclusões teria tirado disso. Se eu tivesse que atribuir a Bakunin a fundação de algo, eu diria antes que ele fundou o anarco-sindicalismo: suas concepções eram baseadas na existência de uma organização de massas cuja função hoje era lutar por melhorias imediatas, amanhã reorganizar a sociedade, mas também na existência de uma organização estruturada de ativistas, de uma minoria revolucionária das fileiras da organização de massas.

O que Bakunin observou foi simplesmente um processo espontâneo ocorrendo diante de seus olhos. Ele não “inventou” do zero as “seções centrais” e as “seções profissionais” do AIT, que ele descreve com precisão. Por outro lado, foi ele quem *teorizou* as implicações políticas da existência dessas estruturas da classe trabalhadora.

O que Bakunin observa é reproduzido naturalmente sempre que surgem condições *aproximadamente idênticas*. Não foi o pensamento brilhante de Bakunin que criou o sindicalismo revolucionário antes dos sindicalistas revolucionários franceses, por volta de 1900; É o mesmo fenômeno que se reproduz em diferentes momentos da história quando certas condições se repetem. Nesse aspecto, Bakunin é incontestavelmente um *precursor* do sindicalismo revolucionário. Mas o movimento que chamamos precisamente de “sindicalismo revolucionário” é um movimento historicamente circunscrito que surgiu na França por volta de 1890-1900, gostemos ou não. Isso não impede que entre 1870 e 1900 tenham ocorrido ondas de sindicalismo de tipo revolucionário, correspondendo, em geral, aos ciclos de crise do sistema capitalista.

Eu diria, portanto, com Alexandre Samis, que “podemos afirmar que a instituição do projeto sindical revolucionário foi uma conquista, se não de toda a classe trabalhadora, pelo menos de uma parte significativa dela.”³⁸ A Federação Jura era uma organização do tipo sindicato (e não baseada em afinidade); ela havia naturalmente desenvolvido os temas do sindicalismo revolucionário, que Bakunin havia meticulosamente observado, descrito e analisado – *mas, lembro a vocês, não inventado*. Os temas do sindicalismo revolucionário surgiram na AIT antiautoritária não porque havia “anarquistas” ou porque havia Bakunin, mas porque havia trabalhadores que lutavam para preservar a autonomia, o modo de organização e os métodos

³⁸ “Podemos afirmar que a instituição do projeto de revolução sindical é uma conquista, mas não de uma parcela significativa da classe trabalhadora.” Samis, *op. cit.*, pág. 430.

de luta de sua organização de classe – e para se opor ao modelo social-democrata que os marxistas e os reformistas tentavam impor a eles. Na época em que Schmidt, van der Walt e Corrêa situam o nascimento do sindicalismo revolucionário – 1860-1870 – havia de fato sindicalistas na Internacional antiautoritária: isso é o mínimo que se pode fazer por uma organização de tipo sindicalista. ! No entanto, os anarquistas de lá – principalmente militantes italianos – ficaram conhecidos por suas tendências insurrecionais. Ao afirmar que o “sindicalismo” da AIT era uma “estratégia” do “anarquismo”, Schmidt e van der Walt cometem um erro histórico porque quando o anarquismo surgiu na AIT por volta de 1872-1874, era o insurrecionalismo, uma corrente oposta ao sindicalismo !

Práticas sindicais revolucionárias se desenvolveram antes da formação de um movimento anarquista propriamente dito – o que é bastante normal para um fenômeno social. Os princípios da ação direta, da autonomia em relação ao Estado e à burguesia e da recusa da ação parlamentar – que eu disse caracterizarem o sindicalismo revolucionário – foram reivindicados em particular pela Federação do Jura. Ralph Darlington escreve corretamente que

“O sindicalismo revolucionário não foi criação de um autor específico ou mesmo de um grupo de autores. Apesar do “ismo” que lhe dá um ar teórico, o sindicalismo revolucionário era originalmente o nome dado a um *movimento* e não a uma teoria preconcebida da sociedade. Assim, líderes sindicalistas revolucionários como Victor Griffuelhes (secretário da CGT), Émile Pouget (editor do jornal sindical *La Voix du peuple*) e Georges Yvetot (líder da seção Bourses du Travail da CGT), estavam mais interessados em “dar expressão à prática do sindicalismo revolucionário conforme ela evoluía” na luta diária para melhorar a vida dos trabalhadores, do que em “construir uma estrutura teórica dentro da qual ela pudesse se conformar”. Nessa perspectiva, dizia-se, o sindicalismo revolucionário não era um conjunto artificial de doutrinas impostas à classe trabalhadora, mas sim uma teoria aberta em constante desenvolvimento, cuja formação era resultado da experiência da própria luta.”³⁹

Darlington salienta que o sindicalismo revolucionário exibiu uma série de constantes nas suas diversas manifestações internacionais:

³⁹ Ralph Darlington, *Radical Unionism: The Rise and Fall of Revolutionary Syndicalism*, Haymarket Books, Chicago, Illinois, pág. 17.

- A luta de classes;
- Oposição ao parlamentarismo;
- Independência de partidos políticos;
- O sindicalismo como instrumento de revolução;
- Ação direta;
- A greve geral;
- Controle dos trabalhadores;
- Antimilitarismo;
- Internacionalismo.

Repitamos: longe de ser uma “variante” ou uma “estratégia” do anarquismo, o sindicalismo revolucionário é uma produção natural da classe trabalhadora, em cuja constituição esta fração do movimento anarquista que não se opunha à ação sindical: portanto, não é discutível que os anarquistas frequentemente constituíam a espinha dorsal do movimento sindicalista revolucionário. Mas a maneira mitificada como Schmidt e van der Walt apresentam esse relacionamento não é aceitável.

Há usos, no que diz respeito ao vocabulário, que se tornaram hábitos, mas que não são exatos e que complicam a compreensão das coisas. Por exemplo, Bakunin é chamado de “anarquista”, a Internacional antiautoritária é chamada de “anarquista”, etc. Mas Bakunin raramente se autodenominava “anarquista” e quase sempre com reservas. Ele se autodenominava um “socialista revolucionário” ou “coletivista”.⁴⁰ Foi sua proximidade com os militantes italianos, que chegaram tarde à Internacional e que se diziam explicitamente “anarquistas”, que sem dúvida contribuiu para a confusão. Não se pode descartar que Bakunin, doente e envelhecido, precisasse dos devotados ativistas italianos que o cercavam e que, portanto, ele não era muito exigente quanto aos nomes. O fato é que a estratégia de Bakunin continua baseada na existência de uma organização de massas, sem programa político definido, mas com liberdade de debate, e em uma organização política com programa preciso, e cuja função Alexandre Samis muito corretamente lembra: “Procurar se envolver, fazer o povo participar do processo, servir como fermento revolucionário, agir junto com as massas, não diante delas ou em seu nome.”⁴¹

A chamada Internacional antiautoritária nascida em Saint-Imier, por sua

⁴⁰ Veja: René Berthier, “O uso da palavra ‘anarquia’ em Bakunin”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 185>

⁴¹ “buscar uma entrada, tomar parte no processo, servir como uma revolução fermentadora, agir junto com as massas, não na sua cara ou em seu nome.” Alexandre Samis. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro: Neno Vasco, anarquismo e sindicalismo revolucionário nos dois mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009, pp. 115-116.

vez, não era “anarquista”⁴² e este congresso não foi o que fundou o anarquismo. O projeto desenvolvido em Saint-Imier era estabelecer um pacto de solidariedade e reunir todas as federações da AIT em prol de sua autonomia decisória em termos da estratégia de emancipação do proletariado – *incluindo* a estratégia eleitoral. A Federação Inglesa, a favor da ação parlamentar, apoiou a Federação do Jura no congresso internacional extraordinário de Saint-Imier porque os novos estatutos da Internacional reconheciam *a autonomia das federações em questões de estratégia*. Não há nada de “anarquista” nisso. O programa do congresso de Saint-Imier não era um programa anarquista, embora as primeiras resoluções votadas neste congresso tivessem uma coloração claramente antiestatista, mas Marianne Enckell ressalta que não era isso que preocupava as pessoas na época. delegados, que estavam principalmente preocupados com a questão da autonomia das federações – autonomia essa que, repito, incluía a possibilidade de escolher a via parlamentar.

“Imediatamente após Saint-Imier, os dois parágrafos finais da 3ª resolução, que poderiam constituir uma espécie de ‘Manifesto Anarquista’ da AIT antiautoritária, e que, nas palavras de Marianne Enckell, ‘permanecerão na memória dos anarquistas’⁴³, será considerado menos importante que o pacto de solidariedade estabelecido entre as federações. Só vários anos mais tarde é que uma resolução antiautoritária da AIT iria directa ao assunto, afirmando que todos os partidos, quaisquer que sejam, incluindo os socialistas, constituem apenas uma ‘massa reaccionária’. Mas, a essa altura, os números do AIT terão desaparecido tragicamente. e as federações que esta restrição poderia ter envolvido serão as partes.”⁴⁴

Foi só gradualmente que a corrente “anarquista” prevaleceu sobre a corrente “unionista”. Este processo terminou no Congresso de Verviers (6-8 de setembro de 1877), que contou com a presença de uma maioria de seções com ideias radicais – mas que também foi o último da Internacional. A Federação Belga, que estava muito próxima das posições de Bakunin, deixou a Internacional. A Federação Inglesa, que havia apoiado os antiautoritários em Saint-Imier, mas que era a favor do parlamentarismo,

⁴² Veja: René Berthier, *Intervenção nos Encontros Internacionais sobre Anarquismo*, “A AIT antiautoritária era anarquista?”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 416>

⁴³ Marianne Enckell, *A Federação do Jura, as origens do anarquismo na Suíça*, L'Âge d'Homme, 1971.

⁴⁴ René Berthier, *O fim da Primeira Internacional*, Editions du Monde Libertaire, p. 250.

desapareceu de circulação. As estruturas que participaram do congresso de Verviers, e as novas estruturas que aderiram, não eram mais organizações de classe (do tipo sindical, baseadas no papel dos membros no processo de produção), mas grupos de afinidade anarquistas com pequeno número de membros, baseados na opinião – até mesmo a Federação do Jura era apenas uma sombra do que tinha sido. Verviers foi o último congresso da AIT: foi lá que os elementos que levaram ao seu desaparecimento como organização de massas foram definitivamente colocados em prática.

Essas divisões dentro da AIT antiautoritária podem ser vistas quando se lê atentamente o livro de James Guillaume sobre a Internacional, mas este último claramente tenta minimizá-las: ele se viu confrontado com uma tendência (com Brousse, Costa,⁴⁵ os anarquistas italianos) tentada pelo insurrecionalismo⁴⁶ e claramente não disposta a promover atividades do tipo sindical. Naquela época, os membros da Federação Jura haviam desaparecido completamente. Marianne Enckell, que escreveu uma história da Federação do Jura,⁴⁷ mostra que no final apenas intelectuais ou personalidades do movimento anarquista internacional compareceram às reuniões, mas nenhum trabalhador local. Tornou-se um grupo de afinidade.

No *Fim da Primeira Internacional*⁴⁸ Levantei a questão e sugeri que havia dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores correntes *precursoras* do sindicalismo revolucionário e do anarquismo *que eram opostas entre si*. Mostro no meu livro que essas duas correntes se chocaram dentro da Internacional antiautoritária, um confronto que aceleraria a queda desta última. Por outras palavras, os modelos precursores do sindicalismo revolucionário e do anarquismo surgiram no final da AIT, num confronto fatal para a Internacional, tendo esta última acabado por adoptar um programa “anarquista”, em contradição com todas as advertências de Bakunin; o que precipitaria a saída da federação belga. É, portanto, compreensível que quando o sindicalismo revolucionário foi formado na França, uma geração depois, muitos anarquistas, herdeiros mais ou menos conscientes da fração “anarquista” e insurrecionalista da Internacional antiautoritária, se opusessem ao sindicalismo. Eles estavam simplesmente

⁴⁵ Brousse era médico, Costa era advogado.

⁴⁶ Veja o caso Benevento. Em janeiro de 1874, ativistas italianos formaram um “Comitê Italiano para a Revolução Social”, que organizou várias tentativas de revoltas populares com pequenos grupos de homens sem contato com o “povo” que eles deveriam despertar de seu torpor. O 5 abril 1877, cerca de trinta homens armados, incluindo Malatesta e Cafiero, vagam pelas montanhas da província italiana de Benevento, invadem duas aldeias, queimam as escrituras de propriedade de uma pequena aldeia, distribuem o conteúdo da caixa registradora do cobrador de impostos e tentam aplicar um “comunismo libertário em miniatura”. Os camponeses os observavam passivamente. A mesma cena ocorreu em várias aldeias com uma recepção pouco entusiasmada

repetindo comportamentos que já haviam ocorrido trinta anos antes.

Em outras palavras, os modelos precursores do sindicalismo revolucionário e do anarquismo foram constituídos *em oposição um ao outro!* Estamos, portanto, longe da tese do sindicalismo revolucionário como “estratégia” do anarquismo...

Então, se considerarmos que havia, no final da AIT, uma corrente que eu chamo de “proto-sindicalista revolucionária” e uma corrente “proto-anarquista” (insurrecionalista, na verdade); e se considerarmos que a corrente “proto-anarquista” não estava de forma alguma disposta (em 1877-1878) a apoiar uma atividade do tipo sindical, é totalmente falso sugerir, como faz Schmidt-van der Walt, que há uma filiação entre “anarquismo” e sindicalismo revolucionário, já que o anarquismo inicial se *opunha* ao sindicalismo. Isso explica a oposição dos anarquistas ao sindicalismo na virada dos séculos XIX e XX: eles estão na linhagem da corrente anarquista do final da AIT.

O termo “sindicalismo revolucionário” tem um significado relativamente preciso que está inscrito no tempo. Isso não significa, é claro, que devemos negar que formas revolucionárias de sindicalismo existiram antes de 1890-1900, ou negar o papel que os anarquistas desempenharam nelas. Mas, diga-se o que se diga, foi com a CGT do final da década de 1890 que o sindicalismo revolucionário, no sentido histórico preciso do termo, surgiu e assumiu a escala de um *movimento de massas* e se tornou algo significativo, e a maioria das organizações que se autodenominavam sindicalistas revolucionários se referiam à CGT. Não se deve esquecer que, embora a Federação do Jura fosse um verdadeiro laboratório no qual novas formas de sindicalismo eram experimentadas, ela caiu para menos de 400 membros antes de desaparecer e provavelmente nunca teve mais de 1.200 membros.

James Guillaume, que representava a corrente sindical antiautoritária da AIT, mudou-se para a França quando ficou claro que a Federação do Jura estava em declínio. Ele permaneceu em silêncio por um longo tempo, depois se aproximou dos sindicalistas revolucionários da CGT, aos quais forneceu uma espécie de argumentação teórica ao publicar textos da Federação do Jura e de Bakunin, que haviam praticamente caído no esquecimento. A redescoberta desses textos entre 1903 e 1907, em particular

por parte da população. Nossos revolucionários então vagaram pelo campo por alguns dias, congelados até os ossos, e finalmente foram presos. No final do julgamento, eles ainda sofreram o insulto de serem absolvidos, o que mostra o quanto sua escapada ameaçou a ordem estabelecida. Apesar do fiasco total desse tipo de ação insurrecional, ela parece ter impressionado muitos anarquistas.

⁴⁷ Marianne Enckell, *A Federação do Jura, as origens do anarquismo na Suíça*, L'Âge d'Homme, 1971,

⁴⁸ Edições do Monde libertaire.

A Política da Internacional, causou verdadeiro espanto tanto entre os sindicalistas revolucionários, que viram ali descrito e exposto quase tudo o que faziam, quanto entre os anarquistas, que viram descrito por Bakunin o que consideravam ser o anarquismo em ação.

É naturalmente o contexto histórico de cada um dos países citados que explica a diversidade das orientações estratégicas adotadas e que explica por que o sindicalismo revolucionário não apareceu em todos os lugares da mesma forma e com a mesma intensidade. Na Inglaterra e na Alemanha, o movimento operário foi orientado muito cedo para os trilhos da estratégia parlamentar. Em outros países, certos setores da classe trabalhadora europeia desenvolveram, dentro da Primeira Internacional, práticas, formas de luta e organização que afirmavam os princípios da ação direta, da autonomia em relação ao Estado e à burguesia e da recusa da ação parlamentar – temas que são específicos do que mais tarde seria chamado de “sindicalismo revolucionário”.

Bakunin viu claramente que havia uma divisão clara entre a classe trabalhadora do Norte da Europa e a do Sul da Europa. Ele provavelmente não tinha perspectiva suficiente para analisar as causas e estava enganado sobre sua natureza: ele pensava que a divisão vinha da natureza dos países anglo-germânicos, de um lado, e dos países latinos, de outro. Naturalmente, isso é um erro. Para ilustrar meu ponto, tomarei os casos da Alemanha, França e Espanha.

O poder político na Alemanha concedeu rapidamente o sufrágio universal, sob Bismarck, e esta é, sem dúvida, uma das principais razões pelas quais o movimento revolucionário foi literalmente dissolvido. Diante da escolha entre uma luta dura, muitas vezes violenta e incerta, e a entrega da tarefa de resolver os problemas a um delegado, o trabalhador naturalmente escolhe o caminho que lhe parece mais fácil e menos arriscado.

No sistema representativo há um conjunto de mediações – eleições a nível local, regional, nacional, negociações sindicais enquadradas por lei, etc. – que funcionam como um amortecedor e geralmente ajudam a evitar confrontos violentos. Nessas condições, o reformismo naturalmente se torna a regra, isto é, a convicção de que se pode melhorar a condição do povo por meio de reformas progressivas.

Na Espanha, o sistema político e social era definido pela extrema violência das relações entre o proletariado e o campesinato, de um lado, e o poder político e o sistema capitalista, de outro. A classe dominante não queria abrir mão de nada e a menor exigência se transformava em confronto violento, com sua procissão de mortos, feridos e ativistas presos e muitas vezes torturados. O trabalhador, o empregado agrícola não poderia ser materialmente “reformista”, pois a menor greve poderia se transformar em tragédia. Ele tinha *que* ser um revolucionário.

Na França e na Bélgica nos encontramos em uma situação intermediária. Os Internacionais Belgas eram geralmente de tendência proudhoniana ou bakuniniana. As greves foram reprimidas com a mais extrema violência. Mas a demanda pelo sufrágio universal tinha seus apoiadores. No oeste da Bélgica, foi o modelo inglês que atraiu as pessoas, e no leste, o modelo social-democrata alemão. Lutas extremamente violentas ocorreram para obter o sufrágio universal e, quando ele foi alcançado, o movimento revolucionário praticamente desapareceu.

A situação na França era um pouco diferente daquela na Bélgica. mas leva ao mesmo resultado. A República formada após o esmagamento da Comuna foi ainda mais dura com as Internacionais do que o extinto Império; A repressão antitrabalhador foi terrível. A classe trabalhadora se opôs categoricamente a esta República que massacrou os insurgentes da Comuna, e também era muito relutante em relação às múltiplas seitas socialistas divididas em múltiplos partidos concorrentes, que queriam obter seus votos. Esse contexto favoreceu o surgimento do sindicalismo revolucionário. Era uma situação um tanto intermediária entre a da Alemanha e a da Espanha. Entretanto, o movimento socialista se uniu em um único partido em 1905. Uma sucessão de greves duras fracassou e foi severamente reprimida. Os limites da estratégia de confronto permanente, na ausência de uma perspectiva revolucionária, haviam sido atingidos. Além disso, dentro da CGT crescia uma poderosa corrente reformista. A tendência de aceitar mediações sociais finalmente prevaleceu de 1908 a 1910: negociações em conflitos sociais, estratégia parlamentar. A Carta de Amiens foi, na realidade, o sinal dessa mudança de estratégia. O declínio do movimento sindicalista revolucionário não foi resultado de erros estratégicos de sua parte, mas sim de profundas mudanças na sociedade às quais ele não conseguiu se opor. O fim das disputas entre facções socialistas e a unificação do partido oferecem uma alternativa legal e pacífica à estratégia de ação direta do sindicalismo revolucionário. O declínio do movimento revolucionário na França segue precisamente a ascensão da perspectiva parlamentar.

Entre 1870 e 1914, os ativistas revolucionários não analisaram realmente as causas das mudanças no comportamento da classe trabalhadora diante da alternativa “revolução ou reforma”. Claro, eles não tinham perspectiva suficiente.

Para explicar o declínio do movimento revolucionário, as pessoas culpam as manobras de políticos que enganam a classe trabalhadora, ou a passividade desta última. Assim, James Guillaume, explicando as razões pelas quais deixou a Suíça para se estabelecer em Paris, escreveu: “Às margens do Lago Genebra, em Genebra, em Lausanne, em Vevey, apesar dos esforços de alguns camaradas devotados, não tínhamos conosco as massas trabalhadoras, muito dispostas a se deixarem enganar pelos

políticos.”⁴⁹

Penso que a maior deficiência do movimento libertário atual, uma das principais razões do seu caráter extremamente minoritário, reside na ausência de análise do significado e das consequências do estabelecimento do regime representativo nas sociedades modernas.

Parece-me claro que a escolha dos anos de 1860-1870 por Schmidt & van der Walt está ligada à sua abordagem ideológica e abrangente. Dizer que o sindicalismo revolucionário nasceu em 1860-1870 é uma aproximação que não acrescenta muito ao debate, mas sim introduz confusão na medida em que, quando falamos de sindicalismo revolucionário, não sabemos mais exatamente do que estamos falando. Notemos que a abordagem de Schmidt & van der Walt contribuiria para colocar em perspectiva a contribuição do movimento operário francês na história do sindicalismo revolucionário – e esse talvez seja o objetivo desejado.⁵⁰ O movimento comumente chamado de “sindicalismo revolucionário” nasceu no final da década de 1890 e início da década de 1900 na CGT francesa. Essa corrente surgiu em atos antes de existir como um movimento expressamente designado como “sindicalista revolucionário”.

Um exame da história não mítica do movimento operário francês revela um tipo de relação entre anarquismo e sindicalismo revolucionário que não corresponde exatamente à imagem que Schmidt e van der Walt querem nos transmitir. Há, de fato, vários exemplos de apelos urgentes de sindicalistas aos anarquistas para que se juntem à luta sindical, o que, correndo o risco de me repetir, não concorda com a tese de um sindicalismo revolucionário que seria uma “estratégia” do anarquismo, mas seria mais apropriado designar o anarquismo como uma tática do sindicalismo... Há o apelo de Fernand Pelloutier publicado em *Les Temps nouveaux* em 1895⁵¹; uma “Carta aos Anarquistas” do mesmo autor datada de 1899⁵². Há um texto publicado em 1907, pouco antes do congresso anarquista internacional em Amsterdã, no qual Amédée Dunois convoca os anarquistas a se juntarem ao movimento

⁴⁹ *Internacional, documentos e memórias*, Volume IV, p. 304.

⁵⁰ Falando dos representantes sindicais britânicos, Schmidt e van der Walt, no entanto, citam James Hinton: “As principais fontes do movimento dos representantes sindicais foram as doutrinas francesas e americanas do sindicalismo revolucionário e do sindicalismo industrial.” *Black Flame*, pág. 232.

⁵¹ Fernand Pelloutier, “Anarquismo e sindicatos operários”, *Les Temps nouveaux*, 2-8 de novembro de 1895. Veja: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article17>

⁵² Fernand Pelloutier, “Carta aos Anarquistas”, 3-8 de dezembro de 1899. Veja: <http://kropot.free.fr/Pelloutier-Lettre.htm>

sindical.⁵³ Mas há outros, como o mencionado num relatório policial datado de 6 Novembro de 1892. Este relatório se refere às “novas táticas dos anarquistas na França”: nos círculos anarquistas circulava um texto convidando ativistas a se envolverem no movimento sindical e a estabelecer uma espécie de divisão de trabalho entre grupos específicos e sindicatos.⁵⁴ O fato de que este documento antecipa o artigo de Pelloutier de 1895 e que data de novembro de 1892, nove meses após a fundação da Fédération des Bourses du travail que Pelloutier iria liderar, não pode ser uma coincidência: a hipótese de que foi o próprio Pelloutier quem escreveu este apelo não é extravagante.

É fácil concluir que entre 1892 e 1907 muitos anarquistas não estavam envolvidos no movimento sindical, que foi do movimento sindical que surgiram os apelos para que os anarquistas se juntassem à luta, enquanto que a partir de 1908 outros relatórios policiais mostram, como veremos, que o movimento sindical de alguma forma se “encheu” de libertários...

Edilene Toledo também nos revela que no Brasil também havia apelos para que os anarquistas se unissem às lutas do proletariado: ela cita um artigo de *A Vos do Trabalhador* de junho de 1913, no qual podemos ler:

“Se eles não querem Para permanecer isolados e impotentes, os anarquistas devem tomar parte direta nas lutas dos trabalhadores, organizando sociedades de resistência e orientando os trabalhadores em seus conflitos contra o Capital e o Estado. Caso contrário, outros virão aproveitar a necessidade que os proletários sentem de melhorar sua triste situação para afastá-los da verdadeira luta.”⁵⁵

Semelhança surpreendente com a situação na França. Isso lança nova luz sobre a questão: qual, sindicalismo ou anarquismo, é a “estratégia” do Português outro?

* * * * *

⁵³ A. Dunois, *Um Congresso Anarquista*, em “Il Pensiero”, 16 de fevereiro de 1907. Citado por Maurizio Antonioli, *Bakunin entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo*, edições Noir et Rouge, 2014.

⁵⁴ Cf. Jean Maitron, *O Movimento Anarquista na França*, volume I, pp. 268-269.

⁵⁵ “Atitude dos anarquistas diante do movimento operativo”, *A voz do Trabalhador*, 1º Junho de 1913, citado por Toledo, p. 52.

APÊNDICE: Gurvitch e Ansart sobre Proudhon

George Gurvitch

Georges Gurvitch (1894-1965) foi um sociólogo francês de origem russa que desempenhou um papel importante no desenvolvimento da sociologia na França.⁵⁶ Ele disse isso em sua conferência sobre “Proudhon e Marx” em novembro de 1965:

“Posso testemunhar a extraordinária penetração das ideias proudhonianas, tanto entre os intelectuais russos quanto nos sindicatos de trabalhadores russos. De minha parte, não foi na França, mas na Rússia, que me tornei um proudhoniano, e se vim para a França, foi para aprofundar melhor meu conhecimento de Proudhon. Portanto, presto testemunho pessoal direto. Os primeiros soviets russos foram organizados por proudhonistas, aqueles proudhonistas que vinham dos elementos de esquerda do Partido Socialista Revolucionário ou da ala esquerda da socialdemocracia russa. Não foi de Marx que eles conseguiram tirar a ideia de revolução através dos soviets de base, porque é uma ideia essencialmente, exclusivamente proudhoniana. Como um dos organizadores dos soviets russos de 1917, posso falar sobre isso com conhecimento dos fatos.”⁵⁷

Pierre Ansart

Pierre Ansart foi um dos que contribuíram para “decodificar” o pensamento de Proudhon. Li suas obras quando foram publicadas e admito que foram guias insubstituíveis na minha formação teórica. Schmidt-van der Walt sequer sabe da existência deste autor, não traduzido para o inglês, mas traduzido para o espanhol? Em *Marx e o Anarquismo*, Ansart estabelece uma genealogia intelectual de Proudhon e Marx baseada no pensamento de Saint-Simon. É um texto extremamente estimulante que (sem querer, sem dúvida) mostra que o que, em Marx, parecia ser de origem hegeliana provavelmente deve muito mais a Saint-Simon. O que também confirmaria a tese de autores como Kostas Papaïoannou⁵⁸ que

⁵⁶ Suas obras incluem:

- “Proudhon et Marx”, in : *L'actualité de Proudhon, colloque de novembre 1965*, éditions de l'institut de sociologie, université libre de Bruxelles.
- *Dialectique et sociologie*, Flammarion, 1re édition 1962, 2e édition 1972.

⁵⁷ Cité dans *Autogestion* n°1, décembre 1965, pp. 5-6.

⁵⁸ *Sobre Marx e o marxismo*, NRF-Gallimard

afirmam que o conhecimento de Marx sobre Hegel era superficial. Mas esse é outro problema...

Table des matières

Anarquistas e sindicalismo.....	1
Anarquistas e sindicalismo em <i>Black Flame</i>	1
Berkman.....	3
Ricardo Flores Magon.....	3
Liu Shifu conhecido como Shi Fu.....	4
Malatesta.....	6
Kropotkin e o sindicalismo.....	8
Sindicalismo revolucionário, uma “estratégia” do anarquismo ?.....	16
Sindicalismo, imprensa anarquista e filiação anarquista até 1914 na França.....	19
APÊNDICE: Gurvitch e Ansart sobre Proudhon. .	36
George Gurvitch.....	36
Pierre Ansart.....	36